

**PARA UMA GRAMÁTICA BRASILEIRA DO PENSAMENTO
DECOLONIAL: De alcunhas inaceitáveis como *O País do Carnaval*
ao *Brasil, um país do futuro* como manifesto contra o racismo**

**FOR A BRAZILIAN GRAMMAR OF A DECOLONIAL THINKING: From
Unacceptable Nicknames Like *o País do carnaval* to *Brasil, um país*
do futuro as a Manifesto Against Racism**

Sandra Bagno
Università degli Studi di Padova
Padova, Italia

Resumo: No debate político e cultural do dia a dia nos deparamos com expressões em que o Brasil acaba sendo definido *o país do carnaval*, evocando assim ironicamente o romance de estreia, em 1931, de Jorge Amado; ou ainda *o país do futuro*, aludindo até com sarcasmo ao ensaio publicado por Stefan Zweig em 1941. Contudo, até o sucesso, cada um à sua maneira, das duas obras demonstra que elas colocaram questões significativas, e hoje reconhecíveis ainda mais se observadas à luz do pensamento decolonial, em uma ótica de autonomia a respeito de categorias e estereótipos de herança europeia. A primeira teoriza a separação, em termos mentais e geográficos, da peculiaridade do Carnaval no Brasil de velhas alcunhas europeias. A segunda, enquanto as catástrofes da Segunda Guerra Mundial estavam demonstrando ao mundo a insensatez, entre outras, das lógicas racistas, celebrava a peculiaridade do paradigma brasileiro, com sua miscigenação racial como pressuposto de uma convivência possível.

Palavras chave: *O País do Carnaval*; Jorge Amado; *Brasil, um país do futuro*; Stefan Zweig; pensamento decolonial; Carnaval; miscigenação racial.

Abstract: Political and cultural current debates tend to focus on expressions that define Brazil as *o país do carnaval*, thus ironically evoking the debut novel, in 1931, by Jorge Amado; or even as *o país do futuro*, sarcastically alluding to the essay published by Stefan Zweig in 1941. Anyway the success of these two different works helped to highlight significant questions even more recognizable nowadays if observed in the light of the decolonial thinking and towards a perspective of autonomy related to categories and stereotypes of European heritage. In fact the first one theorizes the mental and geographical gap between Brazilian Carnival features and old European nicknames. The second one anticipates the peculiarity of the Brazilian paradigm with its racial miscegenation as a presupposition for a possible coexistence,

just while the World War II catastrophes were showing to the world the folly, among others, of racist logics.

Keywords: *O País do Carnaval*; Jorge Amado; *Brasil, um país do futuro*; Stefan Zweig; decolonial thinking; Carnival; racial miscegenation.

1. O País do Carnaval e Brasil, um país do futuro, livros 'de sucesso'

Há livros destinados a marcar de forma indelével uma cultura, mas que, por várias razões, têm passado de maneira quase desapercibida pela maioria, no momento de suas publicações. Como aconteceu, em 1928 no Brasil, com *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* de Mário de Andrade.¹ Já há outros que, talvez por revelarem-se atempados intérpretes de sentimentos, ou, simplesmente, por conseguirem despertar emoções numa dada comunidade, provocam imediatas reações na pública opinião. A respeito destes, tornou-se comum, principalmente na era da globalização, avaliar seus sucessos de público antes pelas vendas que pela reação da crítica; especialmente se se tratar de romances, gênero pelo qual registra-se um interesse crescente. Esse dado, reconhecido em nível internacional, explica-se, escreve Stefano Calabrese, em relação a um específico fenômeno:

Sembra che il fabbisogno mondiale di storie sia cresciuto in maniera esponenziale negli ultimi vent'anni, e c'è da chiedersi perché. Se lo sono domandato nel 2013 due psicologi della New School for Research di New York, scoprendo che la lettura di romanzi aumenta i livelli di empatia tra noi e gli altri, migliora la percezione sociale e rende assai più affilata la nostra intelligenza emotiva, cioè la capacità di capire quello che gli altri sentono sentendolo a nostra volta [...] [Calabrese: 2005, 3]

Para compreender o crescente «fabbisogno mondiale» de romances, continua o ensaísta italiano, vale recordar como, por um lado,

[...] i lettori includano nelle loro rappresentazioni mentali le emozioni attribuite ai personaggi letterari, e dall'altro come essi sperimentino una sorta di "trasporto" personale, un riflesso quasi fisico delle emozioni di ciò che leggono. [*Idem, Ibidem*]

Essas considerações, esclarecedoras ao traçar o perfil dos que são hoje definidos «best seller globali» [*Idem, 4*], tornam-se interessantes também para tentar compreender o que pode ter acontecido, *mutatis mutandis*, no Brasil da primeira metade do Novecentos a respeito de casos, se não de *best sellers*, segundo os parâmetros descritos por Calabrese para o século XXI, pelo menos de sucessos e reações da crítica de várias maneiras expressivos em relação à época. Como houve, mesmo que de modos diferentes, com *O País do Carnaval* (1931),

¹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e Caminhos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972. CAMPOS, Haroldo de. *Morfologia de Macunaíma*. São Paulo: Perspectiva, 1973. ANDRADE, Mário. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Martins: Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. Texto revisto por Telê Porto Ancona Lopez. RAMOS JR., José de Paula. «A fortuna crítica de Macunaíma» *Apud REVISTA USP*, São Paulo, n. 65, p. 125-130, março/maio 2005, pp. 125-130. In www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13416/15234/, Acesso em 20/092018.

de Jorge Amado (Itabuna 1912 - Salvador 2001) e com *Brasil, um país do futuro* (1941) de Stefan Zweig (Viena 1881 - Petrópolis 1942)². Casos diferentes quanto às respectivas trajetórias de sucesso, mas ambos a serem reconsiderados, pois é possível aproximá-los por várias razões, entre as quais o impacto que produziria em longo prazo, inclusive em termos linguísticos no português brasileiro do dia a dia.

Antes de nos debruçarmos sobre tais aspectos, retornemos brevemente à expressão, *best seller*, a que hoje se recorre aludindo a livros de sucesso, muitas vezes associada também a uma outra expressão, *instant book*. Mas o que significa exatamente o estrangeirismo *instant book*, locução inglesa que já foi integrada na língua do dia a dia também fora do contexto anglófono? Quais elementos diferenciariam os *instant books*, nas sociedades em que aparecem, em relação a outras publicações? E quais papéis eles poderiam exercer especialmente quando, avultando em termos mediáticos, conseguem um sucesso que os tornam uns *best sellers*?

Em primeira instância, para respondermos a tais perguntas alguns dados podem ser apreendidos de autorizados dicionários monolíngues, por exemplo, da língua italiana, fruto de uma lexicologia e lexicografia geralmente aberta, como é sabido, à integração dos estrangeirismos nos seus *corpora*.³ De fato, o *Grande Dizionario Italiano dell'Uso (GRADIT)* de Tullio De Mauro registra a seguinte definição:

Instant book/'instant buk/ (in.stant book) loc. S.m. inv. ES ingl. [1982; ingl. Instant book / 'instent buk/ prop. "libro immediato", pl. instant books] libro scritto e pubblicato in tempi strettissimi, incentrato su un argomento di grande attualità e risonanza pubblica VAR. instant-book.⁴

² Como referência tomamos as edições, respectivamente, AMADO, Jorge. *O País do Carnaval*. Alfragide: Dom Quixote, 2016. ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013. Já quanto às bio-bibliografias, respectivamente: RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1990. AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012. DINES, Alberto. *Morte no Paraíso. A Tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

³ V. DE MAURO, Tullio. *La fabbrica delle parole. Il lessico e problemi di lessicologia*. Torino: UTET, 2005. GUSMANI, Roberto. *Saggi sull'interferenza linguistica*. Firenze: Le Lettere, 1986. DE MAURO, Tullio. *Dizionario di parole del futuro*. Roma-Bari: Laterza, 2006.

⁴ V. DE MAURO, Tullio. *GRADIT*. Torino: UTET, 1999. Vol. III FM-MAN, p. 653. Quanto ao *Treccani.it Vocabolario on line*, a definição de **instant book** é: «Libro che ha per argomento un fatto, un avvenimento recente (di interesse politico, economico, sociale, ecc.) che ha avuto grande risonanza presso l'opinione pubblica, scritto e pubblicato entro un tempo brevissimo dal verificarsi dell'avvenimento stesso». Disponível em:

Treccani.it, <http://www.treccani.it/vocabolario/instant-book/> (Acesso em 13/10/2018)

Vale lembrar que o HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* registra o verbete **best-seller** (Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, p. 440: «[...]1 livro que é sucesso de venda 2 p. ext. qualquer coisa

Se a ocorrência da locução *instant book* está documentada em italiano desde 1982, já quanto à outra expressão, *best seller*, a datação em italiano, sempre segundo o *GRADIT*, deve ser recuada a 1950:

best seller /ˈbest ˈseller/(best sel.ler) s.m. inv. CO [1950; dall'ingl. Best seller, comp., di best "migliore" e seller "articolo di vendita"] prodotto, spec. libro o disco, che è molto richiesto dal pubblico e si vende in grandissime quantità in un dato periodo di tempo. Der. bestsellerista.⁵

Consideramos tais definições na língua italiana porque, como por nós já salientado, depois de ter longamente negado a permissão, Jorge Amado acabou concedendo que *O País do Carnaval* fosse traduzido pela primeira vez para o italiano. (Bagno: 2017, 18-39)

Língua de um país que conseguiu sua unificação somente em 1861, mas realidade cultural há muito tempo conhecida internacionalmente pelo seu carnaval. E na qual os romances amadianos têm sido traduzidos e têm longamente conseguido sucessos de venda, inclusive *Il Paese del Carnevale*. [Amado 2002] Sucessos que se deram, obviamente, além do Brasil, em muitos outros países, contribuindo a fazer com que até a *identidade* nacional brasileira ficasse ligada no estrangeiro, segundo uma específica linha interpretativa, principalmente aos *best sellers* amadianos. [Goldstein 2003]

1.1 *Instant book*: o impacto mental e linguístico do título

À luz destes dados, o objetivo deste artigo é procurar compreender qual *impacto mental*, e portanto linguístico⁶, podem ter produzido no Brasil, desde a primeira metade do Novecentos, dois livros cujas trajetórias são significativas, também em perspectiva histórica, pois suas «risonanze» (segundo escreve o *Vocabolario Treccani*) não ficariam limitadas aos momentos das respectivas

que se vende bem [...]»; mas não registra *instant book*, posto que na p. 1626 passa-se de **instantâneo** a **instante**.

⁵ De maneira parecida, a definição do *Treccani.it Vocabolario on line* é a seguinte:

best seller <bèst sèlè> locuz. ingl. (propr. «[il prodotto] che si vende meglio»; pl. *best sellers* <bèst sèlèf>), usata in ital. come s. m. – Espressione diffusa nell'uso internazionale per indicare la merce che si vende più di ogni altra dello stesso genere; in partic., il libro (o lo scrittore) oppure il disco (o il cantante) che ha avuto più larga vendita in un periodo determinato. (Disponível em <http://www.treccani.it/vocabolario/best-seller/> (Acesso em 20/06/2018))

⁶ Para a relação entre 'mente' e 'linguaggio', v. BALDI, Pier L. *Le parole della mente: lessico mentale e processi linguistici*. Milano: Franco Angeli, 2003. PUTNAM, Hilary. *Mente, linguaggio e realtà*. Milano: Adelphi, 1987. QUINE, Willard V. *Parola e oggetto*. Milano: Il Saggiatore, 2008. SEARLE, John R. *Mente, linguaggio, società: la filosofia nel mondo reale*. Milano: Cortina, 2000.

publicações. De fato, eles se configuraram, mesmo que de diferentes maneiras, como dois clássicos imprescindíveis para compreender a realidade social, política e, mais em geral, cultural do Brasil não somente da primeira metade do Novecentos.

Além de compartilhar a característica de terem sido escritos e publicados em pouco tempo (claro, em relação à época) e de terem logo conseguido despertar a atenção do público e da crítica, *O País do Carnaval* e *Brasil, um país do futuro* compartilham de uma outra peculiaridade: constituem a resposta que os respectivos autores deram tempestivamente a preocupantes contingências políticas. De fato, contingências entre elas diferentes, mas ambas marcadas, mesmo que distanciadas por dez anos, pelo comum cenário internacional da década de 30: com suas fortes instabilidades políticas e econômicas, violentas contradições e conflitos de várias maneiras provocados por confrontos ideológicos e nacionalismos que, levando à Segunda Guerra Mundial, marcariam de maneira indelével não somente a primeira metade do século XX.

Diferentes quanto ao gênero (um romance e um ensaio) e às razões que parecem tê-los inspirado, em aparência distantes segundo sugerido, como dizíamos, pelos respectivos títulos, esses livros compartilham de um outro dado objetivo: em ambos, a ser salientado como protagonista é o povo brasileiro, com seu peculiar caráter social, político e cultural. Um povo e um país que, porém, segundo seus títulos, poderiam aparecer por Amado *denegridos* n' *O País do Carnaval*, enquanto após uma década seriam por Zweig *celebrados* até como *país do futuro*.

A contraposição entre os títulos ressalta mais claramente se observada à luz das implicações dos respectivos sintagmas posicionais, implicações às quais dificilmente um leitor ou um testemunho do seu tempo conseguiria se subtrair. Tanto que aqueles sintagmas continuariam a atuar em longo prazo, e prescindindo dos conteúdos dos respectivos textos. Segundo demonstram certas ocorrências, no atual português brasileiro, com que se depara quem acompanha, em particular, o debate político e cultural no dia a dia.

Ao contrário, porém, do que se poderia esperar, nem a expressão *Brasil, um país do futuro* – sintagma cuja significação é claramente laudatória em comparação à outra, *O País do Carnaval*, ambigualmente alusiva – conseguiria escapar de frequentes usos marcados por conotações negativas. Dado esse, aparentemente contraditório, que levanta algumas perguntas. Por quais razões um povo que ainda parece sofrer daquele que já foi definido um *complexo de viralatas* – ou seja, um complexo de inferioridade ditado por uma escassa autoestima nacional – parece não valorizar nem uma apreciação tão objetivamente favorável como a que ressalta, já do título, do ensaio de um afamado escritor como Stefan Zweig? E se hoje em dia há ocorrências demonstrando um uso de ambas as expressões, tendencialmente, como estereótipos, esse dado dependeria do conteúdo de *Brasil, um país do futuro*? Quer dizer, ele seria de sinal contrário em relação a quanto sugerido pelo título? Ou, para além dos títulos, haveria entre os dois conteúdos algo, uma espécie de *continuum* em sentido negativo, quanto à interpretação das peculiaridades dos caracteres nacionais brasileiros?

1.2 Uma abordagem decolonial

Procuraremos respostas a essas perguntas partindo do pressuposto de que o processo de libertação cultural, que começou a atuar no Brasil bem antes da Independência (1822), sofreu nas primeiras décadas do século XX, como é sabido, uma forte aceleração. Processo a que contribuiriam também específicas dinâmicas em outras realidades do país, além das desencadeadas em São Paulo pela *Semana de Arte Moderna* de 1922. Dinâmicas em que é possível reconhecer, em geral, uma clara lógica dialética: quer dizer, a aplicação, por um lado, de percursos que implicam a *demolição* de uns parâmetros muitas vezes de procedência europeia; face a ser entendida como uma indispensável *pars destruens* e premissa para se chegar, por outro lado, à *pars contruens*, *i.e.* para se conseguir a *edificação* de um modelo cultural autônomo, fruto de processos *endógenos*, e tendo por base paradigmas *autóctones* em vez de necessariamente aqueles, *alóctones*, impostos por séculos de colonização.

Posto que é com base em lógicas parecidas que afirmar-se-ia, na segunda metade do século XX, a linha de estudos pós-coloniais visando o mapeamento da dimensão internacional de tais processos – mas a partir de independências políticas muitas vezes conseguidas posteriormente, como no caso da Índia, em relação às da América Latina – observaremos *O País do Carnaval e Brasil, um país do futuro* à luz da que é considerada uma variante latino-americana dos estudos pós-coloniais, e denominada, como sabemos, de *pensamento decolonial*.⁷ Optamos por essa linha metodológica pois tanto *O País do Carnaval* como *Brasil, um país do futuro* demonstram, segundo nos parece, como uma abordagem que pode ser hoje incluída no âmbito de lógicas de-coloniais, já há tempo, em verdade, tivesse sido concretamente adotada *no* Brasil e *para* o Brasil. Ou seja, usada não somente, como é lógico de se esperar, por parte de um latino-americano como Jorge Amado no seu próprio país, mas também – fato muito significativo – por parte de um europeu *a tuttotondo* como Stefan Zweig.

⁷ Do ponto de vista teórico, tomamos como referência, entre outros, os ensaios de DUSSEL, Enrique. *Filosofia della liberazione*. Brescia: Queriniana, 1992. LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. MATA, Inocência. «Estudos pós-coloniais: Desconstruindo genealogias eurocêntricas». *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan.-abr. 2014. Dossiê: Diálogos do Sul. GOMES, Heloisa Toller. «Quando os outros somos nós: o lugar da crítica pós-colonial na universidade brasileira» *Acta Scientiarum. Ciências sociais e Humanas*. Universidade Estadual de Maringá. Vol. 29, n. 2, 2007, p. 99-105. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/725/436> [Acesso em 18/07/2018]. MACHADO, Igor José de Renó. «Reflexões sobre o pós-colonialismo». *Teoria e Pesquisa*. Universidade Federal de São Carlos. Números 44-45, Jan./Jul. 2004, p. 19-32. Disponível em: <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/71/61> [Acesso em: 18/05/2018]. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reconhecer para libertar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2003.

Mas então, por quais razões também um afamado e autorizado intelectual europeu enxergaria, no Brasil em vez que em outros países, um paradigma novo e a ser internacionalmente valorizado?

2. A tomada de posição em dois cenários dramáticos

Se contextualizados nas respectivas realidades históricas, torna-se necessário entender em que termos *O País do Carnaval* e *Brasil, um país do futuro* tenham compartilhado o caráter de *instant books*; frente à aceleração de acontecimentos destinados a profundamente desfigurar dois modelos de sociedade, uma latino-americana e europeia a outra, entre eles distantes quanto às dinâmicas geográficas e às políticas macrorregionais, mas profundamente ligadas, obviamente, por lógicas não somente culturais.

Nesta perspectiva, assumimos, como adiantamos, a hipótese de que a aceleração de eventos desassossegadores levaria à pronta e alarmada reação de um escritor estreante, o baiano Jorge Amado. Mas o que se deu, então, com o judeu austríaco Stefan Zweig, escritor, na hora da publicação de seu ensaio, já internacionalmente conhecido? E em nível de ideias, os dois autores compartilhariam uma visão de Brasil parecida? O fato de *O País do Carnaval* e de *Brasil, um país do futuro* terem conseguido se impor, além da atenção da crítica, àquela da pública opinião, cerca de dez anos um do outro, dever-se-ia ao mero interesse de um *Lector* brasileiro intrigado pelas enésimas *fabulas* [Eco 1979] sobre seu país que aqueles títulos pareciam sugerir? Ou a interessá-lo terá sido «l'intenzione» de cada texto, *i.e.* «quello che il testo dice o suggerisce in rapporto alla lingua in cui è espresso e al contesto culturale in cui è nato»? [Bertazzoli: 2015, 33].

Para procurar respostas a tais perguntas retornemos aos diferentes momentos em que as duas obras foram escritas e publicadas.

2.1. A inaceitabilidade em uma ótica decolonial *ante litteram*, de novos estereótipos de importação

Se considerarmos *O País do Carnaval*, como alhures recordado [Bagno: 2018, 105-117], contextualizando-o em âmbito internacional ao invés de apenas em âmbito nacional, ressalta que o romance deve ser lido, com aquele título tão singular, em relação a dois velhos estereótipos obviamente depreciativos, *carnival-nation* e *land of carnival*, há tempo veiculados, a partir do contexto britânico, contra a Itália a pretexto do seu carnaval. [Panzini 1950, 114] Estereótipos que, chegando também ao Brasil, arriscavam, traduzidos para o português, de se fixarem estavelmente, dada a importância que, também naquele país, estava conseguindo do começo do Novecentos uma festa cada vez mais popular como o carnaval. [Bagno: 2014, 17-26]

Mas se observarmos, ainda mais à luz do pensamento decolonial, ao lado de *O País do Carnaval*, o ensaio de Paulo Prado, *Retrato do Brasil* (1928)⁸ – em que é evidente mais uma vez a dependência de certa inteligência brasileira de padrões culturais eurocêntricos – torna-se óbvio hipotizar que o romance amadiano pode ser lido como uma resposta revoltada, ditada pela sensibilidade de uma nova geração: como um ato de dignidade (quando as reivindicações decoloniais ainda estavam no porvir) de um jovem decidido e querendo alertar o comum sentimento nacional. O alvo do escritor seria denunciar escolhas, novamente (como nos séculos anteriores) aceitando uma passiva aplicação, por parte de *alguns brasileiros na sua própria pátria*, de categorias interpretativas de importação – que eles conseguiam até piorar – sem se aperceberem (como era possível?) de como soassem há tempo estridentes, ainda mais em um país que tinha acabado de celebrar cem anos de independência. Assim como não era mais possível aceitar as premissas (que se auto-proclamavam) ‘científicas’ sobre as quais outros, como Paulo Prado, tinham anteriormente pintado suas imagens de Brasil.⁹

Segundo essa hipótese interpretativa *O País do Carnaval* representaria uma censura: pois tinha chegado a hora de rejeitar ensaios, começando por certos títulos, *Retrato do Brasil*, e subtítulos, *Ensaio sobre a tristeza brasileira*, que incautamente centravam-se sobre teorias que seria eufemístico definir discutíveis. E, no caso, sobre uma suposta «tristeza» (outro estereótipo de matriz europeia)¹⁰ ‘tipicamente’ «brasileira» e ‘geneticamente demonstrada’ por miscigenações raciais e vícios, como *luxúria* e *cobiça*, salientado já pelo «Índice». [Prado: 2008, 5-6] Teorias infamantes que não podem ter agradado nem à autoestima de uma boa parte do povo brasileiro, fruto da miscigenação de muitas raças, nem, mais simplesmente, ao senso de dignidade que deveria ser característica de cada ser humano.

A imediata tomada de posição amadiana se torna, em perspectiva histórica, ainda mais interessante, em relação às registradas no contexto modernista paulista, enquanto vinha de uma Bahia já descentralizada a respeito dos novos

⁸ PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Org. por Carlos Augusto Calil. Para uma visão de conjunto da obra de Paulo Prado, v. BERRIELS, Carlo Eduardo Ornelas. *Tietê, Tejo e Sena: a obra de Paulo Prado*. Campinas: Papyrus. 2000.

⁹ Para outras interpretações do papel exercido por *Retrato do Brasil* no contexto da década de 20, principalmente contra as concepções dos «ufanistas», v. NOVAIS, Fernando A. «Raízes da tristeza». *Apud Jornal de Resenhas* 26/05/1997 Disponível em <http://jornalderesenas.com.br/resenha/raizes-da-tristeza/> [Acesso 20/02/ 2018]

¹⁰ Para o conceito de *tristeza brasileira* como «tese originalmente aplicada apenas a São Paulo (por cronistas como o Padre Anchieta e Von Martius)», mas generalizada por Paulo Prado «para o Brasil, "cuja dimensão não aceita simplificações"», v. FREITAS, Guilherme. «Paulo Prado foi elo entre negócios e artistas de São Paulo em 1922». *Apud O Globo*, 04/02/2012. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/paulo-prado-foi-elo-entre-negocios-artistas-de-sao-paulo-em-1922-3874863> [Acesso 12/07/2018]

fulcros de poder, os quais, perante o precipitar dos acontecimentos, levariam, logo após a *Revolução de 30*, ao autoritarismo de Getúlio Vargas.

Ao escolher o título *O País do Carnaval* como sarcástico contracanto – contrapondo, assim, o direito do povo ao seu *Carnaval* à (suposta) «tristeza brasileira», ideologicamente funcional, porém, seja à hegemonia eurocêntrica colonialista, na altura ainda no auge, seja a certa elite brasileira – Jorge Amado dá mais um passo, emblemático e claramente reconhecível até em termos plásticos.

2.2. Decolonizar o espaço mental para decolonizar aquele geográfico

Como conseguir *de-colonizar* a comum sensibilidade nacional acerca de um assunto como o *Carnaval*? Como separar, *mental e linguisticamente*, uma velha alcunha – impingida no romance ao povo brasileiro somente pelo europeizado Paulo Rigger – de uma festa, o Carnaval, cada vez mais amada, e que estava se reconstituindo de maneira inédita a ponto de despertar interesse em nível internacional, em um país (e por que não?) ele também como a Itália de matriz católica?

Segundo a nossa proposta interpretativa, para atingir seu objetivo, Amado adota uma eficaz estratégia retórica que visa conseguir uma reação em termos conotativos: pondo *O País do Carnaval* à guisa de provocativa antonomásia desde o título, ele consegue distinguir, por um lado, a alcunha e seu *lator*, o *fazendeiro europeizado* Paulo Rigger), e, pelo outro, o povo brasileiro que, independentemente de qualquer julgamento pronunciado por quem quer que fosse, ia exprimindo no *Carnaval*, a cada novo ano, sua livre criatividade.

Em uma perspectiva decolonial ressalta toda a importância do personagem antagonista de Paulo Rigger: José Lopes. Pois é à luz de sua conquistada consciência política, diretamente no Brasil e no meio de seu povo (ao invés da Europa), que ele chega a rejeitar Paulo Rigger, como lê-se no cap. XVI. [Amado: 2016, 148-155] Para além da metáfora, havia já quem, no Brasil, não se deixasse seduzir nem intelectual nem humanamente por aqueles que continuavam a voltar de longos e confortáveis estágios no exterior (em particular na Europa, como acontecia com Paulo Prado) com ideias e teorias, no Brasil, evidentemente inaceitáveis.

Para ratificar a tese do romance, explicitada em um último diálogo em que há a ruptura de um sodalício que durava cerca de dois anos, Amado recorre a um estratagema emblemático, do ponto de vista narratológico, também segundo uma ótica decolonial. É o próprio Paulo Rigger, percebida a sua incapacidade de readaptar-se a um país em grande instabilidade política e marcado por fortes conflitos sociais, que opta pela solução mais fácil: afastar-se novamente. Escolhendo para o seu auto exílio um lugar significativo: a Europa que o conquistara. Quer dizer, os lugares que ainda exprimiam o núcleo central da organização política e econômica a que bem se correspondia também seu *status* de *fazendeiro*.

Ao acrescentar as várias peças da sua tese, Amado traça imagens plasticamente cada vez mais expressivas, pois vão confirmando, antes de tudo em

nível mental, uma clara separação de espaços culturais e lógicas geográficas. Ao reconfirmar a escolha de um escritor aprendiz, feita *a priori*: a reversão de perspectiva que coloca em primeiro plano seu país, o Brasil, mesmo com todas as precariedades enfrentadas pelo povo, ao invés de uma Europa com certeza mais requintada e civilizada, mas beneficiando apenas seus habitantes. De fato, naquela altura o Velho Mundo ia teimando em exercer, com o punho de ferro de novas técnicas, velhas lógicas de potência. Inclusive com suas (antigas) teorias racistas reforçadas por (supostas) novas aquisições científicas, pelas quais, ainda na década de 30, quem continuava a pagar eram as colônias ou as periferias do planeta. Uma Europa, porém, já em declínio e em pé de uma (nova) guerra, como em breve os fatos demonstrariam.

Difícil é dizer qual percepção, além das conhecidas posições da crítica brasileira [Raillard, *cit.*, 43 segs] possa ter tido, de *O País do Carnaval*, o *Lector* de uma *fabula* que o vê, no fundo por ser parte do seu povo, como silencioso co-protagonista; ou, possivelmente, ele mesmo um daqueles que, a cada ano, ia celebrando nas ruas o rito libertário do *Carnaval*. Resta o fato que um dos objetivos de *O País do Carnaval*, de-colonizar mentalmente o *Carnaval* brasileiro como metáfora de outras libertações, avulta de maneira clara se relacionarmos o romance ao momento histórico. Pois o Brasil de 30, como também suas tomadas de posições políticas em nível internacional irão demonstrar dentro de uma década, já não era mais o país que, como amargamente denunciado por Euclides da Cunha nem trinta anos antes, tinha longamente vivido «[...] parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa». [Cunha: 2009, 5]

Mas nem a Europa da última parte do século XIX ficara a mesma se comparada com a mencionada, tendo um papel de contra cenário, no romance amadiano. De fato, também para o Velho Mundo tempos sombrios iam reaparecendo no horizonte. Como acenado pelo próprio Amado no romance em que – uma vez definido o que no Brasil não se podia mais aceitar – já se entrevê aquilo que, pelo contrário, do ponto de vista do escritor (*aliás*, José Lopes) deveria ser feito: o intelectual brasileiro deveria olhar para seu país e procurar entender, antes de mais nada, seu povo. Para assim passar, finalmente, à *pars construens*, valorizando suas humanidades, suas miscigenações raciais e as dinâmicas que nelas já estavam agindo há muito tempo. Programa que, de fato, seria realizado por Jorge Amado na sua obra posterior.

3. De além-mar, o testemunho de Zweig

O Oceano Atlântico, observado à luz das contraposições, também geográficas, adotadas em geral pela abordagem decolonial, assume um papel simbólico. Mas isso já acontecia n’*O País do Carnaval*. Não por acaso Jorge Amado fecha seu romance ‘obrigando’ Paulo Rigger a voltar, do Rio de Janeiro, para além do Atlântico, de onde tinha vindo: àquela Europa que conseguira dobrar gostos, estilos de vida e emoções, até a aridez humana, de Paulo Rigger.

Mas ao longo da década de 30 as políticas ditatoriais surgidas na Europa como respostas às contrapostas ideologias, nacionalismos e racismos estavam se tornando cada vez mais ásperas, e iam se expandindo em vários países, tanto de uma quanto da outra orla do Oceano Atlântico. O Brasil não foi nada menos em

se deixar contagiar. Em 1937, o *Estado Novo*, optando por punições exemplares contra escritores e intelectuais que não se conformaram com seus ditados, procedeu a um auto que fosse loquazmente exemplar: a queima na pública praça em Salvador de livros que incomodavam. E dentre eles havia os de Jorge Amado, como sabemos, começando por *O País do Carnaval*.

Não é difícil imaginar quais efeitos, inclusive em termos de autocensura, tal auto, que fez recuar um dos centros mais expressivos da ‘civilizada’ Europa às inquisições torquemadescas, possa ter produzido no *Lector* brasileiro, na cultura e na língua do dia a dia. Resta, porém, o fato que este é um outro dado entre os que emblematicamente compartilham as experiências de vida, inclusive artística, e de sofrimentos para a defesa da liberdade, dos autores de *O País do Carnaval* e de *Brasil, um país do futuro*.

Pois, antes dos romances de Jorge Amado, já os livros de Stefan Zweig, na Alemanha nazista, tinham sofrido, em 1933, destino parecido. Fato esse que com certeza não foi de pouca importância entre os que induziram o escritor, judeu austríaco, a abandonar de vez a Europa, depois de promulgadas as vergonhosas leis raciais.

Enquanto um segundo conflito, que em breve se tornaria, de novo, de proporções mundiais, levaria a Europa à autodestruição e à progressiva desagregação do que sobrava de seus impérios coloniais, Stefan Zweig enxergava além do seu tempo e de suas geografias habituais. E foi assim que ele procurou uma nova pátria além do Oceano, optando pelo Brasil, onde chegaria em 1941. [Dines: 2012, 16] A escolha do país foi bem claramente motivada, como ele mesmo afirma (e em breve veremos) em *Brasil, um País do futuro*; ensaio em que homenageia uma terra cujas lógicas, começando por aquelas socioculturais, já em 1936 revelaram-se-lhe diametralmente opostas às que estavam destruindo a Europa. Afirma a este respeito Alberto Dines:

Uma coisa é certa: dois anos depois de iniciada a mais terrível de todas as guerras, Zweig viu no Brasil uma alternativa ao ódio que grassava na Europa. As ideias de Gilberto Freyre sobre a miscigenação racial e as de Sérgio Buarque de Holanda sobre a “cordialidade” brasileira circulavam há poucos anos porém em círculos restritos. Zweig recortou-as perante as agruras do momento. [Dines em Zweig: 2013, 7]

Aos trágicos espetáculos de destruição e morte da Europa contrapunha-se uma realidade até pouco tempo antes por Zweig inimaginável, e oposta também por outras razões aos contextos europeus em que tinha em prevalência vivido:

Fascinado com aquela sociedade multicolorida, generosa, alegre porém tocada por uma certa melancolia, Zweig enxergou uma possibilidade de conciliação. Combinando às extraordinárias riquezas do país, o pacto de convivência oferecia-se com um paradigma natural, diametralmente oposto ao rancor racial e ao desvario político imposto pelo nazifascismo. [*Idem*, 7]

Ora, naquele momento trágico para a humanidade inteira, como grande intelectual que foi, Zweig quis partilhar com quantos mais povos e países possíveis, diretamente nas suas línguas, aquilo que quase por acaso descobrira: a *realidade*, e não uma utopia ou uma teoria a mais nos livros, de uma *convivência* possível entre os homens. Realidade, pois já existia em um grande e rico país, o Brasil. Conceito que Zweig explica em um ensaio cujo histórico de sucesso, contextualizado na trajetória dos seus anteriores sucessos, se esclarece à luz também das categorias de *instant book* e *best-seller*:

Ficcionista e biógrafo de sucesso, um dos autores mais traduzidos nos anos 20 e 30 do século passado, Zweig pretendia oferecer um livro político sem falar em política (que detestava). Em Nova York, onde se encontrava de passagem, acertou com os seus editores internacionais um lançamento simultâneo. No auge do primeiro conflito globalizado, conseguiu a proeza de lançar em agosto-setembro de 1941 a edição brasileira, a norte-americana e, no fim do mesmo ano, as edições alemãs, sueca (ambas impressas em Estocolmo, já que na Europa ocupada por Hitler as obras de um autor judeu estavam condenadas) e também a portuguesa. No início de 1942, saíram as edições francesa (nos EUA, pelo mesmo motivo) e espanhola (na Argentina). [*Idem*, 8]

Descrevendo as várias realidades da sociedade brasileira que descobrira somente em 1936 – mas sociedade que, na Europa, continuava definida por velhos e banais estereótipos – sua sensibilidade o leva, já naquela altura, a evitar de celebrar aspetos mais tipicamente, diríamos hoje, ‘turísticos’:

Zweig recusou a imagem do país exótico e pitoresco, deixou de lado os balangandãs e, em troca, ofereceu aquele arrebatado esboço para uma potência sem prepotências, afável, segura. Num mundo ressentido e sem saídas, entalado numa guerra que adivinhava-se demorada, a utopia engendrada por Zweig funcionou como bálsamo. Menos no Brasil. Sucesso de público, como sempre, porém massacrado pelos críticos. [*Idem*, 8]

Mesmo se revelando logo um outro «sucesso de público, como sempre», foram uns críticos brasileiros, como recorda Dines, com seus pareceres, a insinuarem que a mensagem ao mundo de Zweig não fosse sincera:

Era proibido encantar-se com um país dominado por uma férrea ditadura onde a máquina da propaganda oficial era a única que se manifestava livremente. O redator-chefe do poderoso *Correio da Manhã* (do Rio, então Capital Federal) dedicou-lhe cinco sucessivos e ferozes textos, outros articulistas insinuaram que o famoso e rico escritor vendera-se ao Estado Novo de Getúlio Vargas. [*Id.*, *Ibid.*]

Quanto à possibilidade do escritor ‘se ter vendido’ ao Estado Novo com um *instant book* (que há tempo, em verdade, cogitava escrever), pesquisas pontuais demonstram, que, naquele difícil momento em que até um país como o Brasil acabou sendo atingido pelas leis raciais, nem para um intelectual como Zweig seria possível entrar no país sem pagar um preço:

Zweig fez efetivamente um negócio com o governo brasileiro: em troca do livro (que desde 1936 pretendia escrever), receberia junto com a mulher um visto de residência permanente. Uma preciosidade num momento em que o governo trancava as portas aos que fugiam dos horrores do nazismo. [*Id., Ibid.*]

Mas é também verdade, por outro lado, que

Aqueles que o criticaram jamais protestaram contra a desumana política imigratória do governo, os preconceitos xenófobos e antisemiticos herdados do integralismo tinham então outros matizes. Além disso, amar o Brasil era de mau gosto, lembrava o ufanismo vazio do conde Afonso Celso. [*Id., Ibid.*]

A esses dados precisa juntar também outras considerações para compreender as razões profundas que levaram Zweig a afirmar tão convencidamente a sua tese de ser um país como o *Brasil*, e não outro, um paradigma possível para o futuro da humanidade. De fato, a primeira consideração é a de que ele poderia ter escolhido como nova pátria, em vez do Brasil, outros países extra-europeus, que bem tivera a oportunidade de conhecer durante sua circulação internacional. Como por exemplo os Estados Unidos, país escolhido por muitos que foram abandonando a Europa. A segunda consideração é a que se depreende de suas escritas. Pois é só estudar a trajetória do pensamento de Zweig como documentada em suas obras, anteriores à sua escolha do Brasil como país paradigma, para entender como ele enxergava com grande clareza a verdadeira questão: há muito tempo estavam atuando, não somente na Europa, as premissas que levariam nem somente fascismos e nazismos, com seus respectivos racismos, a lógicas suicidas.

As documentadas pesquisas feitas por Dines a respeito de quanto possam ter pesado os «ferozes textos» contra Zweig em sua derradeira escolha do suicídio, pouco tempo depois de ter começado a viver com sua esposa em Petrópolis, confirmam o que é objetivamente intuitivo supor. Porém, de sua extrema testemunha, a carta por Zweig assinada em 22 de fevereiro de 1942, não podemos senão depreender novas confirmações quanto ao sentimento para com o povo que escolhera como paradigma para o futuro da humanidade:

Antes de deixar a vida por vontade própria, com a mente lúcida, imponho-me a última obrigação: dar um carinhoso agradecimento a este maravilhoso país, o Brasil, que propiciou, a mim e à minha obra, tão gentil e hospitaleira guarida. A cada dia aprendi a amar este país, mais e mais. [Zweig em Dines: 2012, 10]

Torna-se difícil hoje medir como deve ter reagido o *Lector* brasileiro – que, sem ter voz nenhuma no debate cultural da época, decretava o *sucesso de vendas* de *Brasil, um país do futuro* – à notícia do suicídio do casal; e ao ser informado de que, afinal, em tão pouco tempo Zweig mudara de ideia. Não porém em relação ao povo, como vimos, mas em relação a quem o levava a escrever: «Em parte alguma eu poderia reconstruir a minha vida agora que o mundo da minha língua está perdido e o meu lar espiritual, a Europa, autodestruído.» [*Idem, Ibid.*] Além do vórtice das incompreensões e misérias humanas, mais uma vez, de intelectuais brasileiros, que ressaltam destas palavras, elas nos confirmam que, confirmando a tese de *Brasil, um país do futuro*, Zweig foi um dos grandes intelectuais europeus com uma visão, *de facto*, já próxima àquelas filosofias e sensibilidades em que se fundamenta, hoje em dia, o pensamento decolonial.

4. A decolonização mental

Entre as muitas perguntas colocadas pela «tragédia de Stefan Zweig» [Dines 2012], umas dizem respeito ao perfil de pesquisa que nos propusemos. Os breves dados citados demonstram que o escritor austríaco, há tempo achava fundamental, como depreende-se de sua obra anterior ao *Brasil, um país do futuro*, mudar de vez as muitas lógicas que já tinham levado à primeira Guerra Mundial. [Zweig 2009] Mas começando por aquelas a serem perentoriamente mudadas em cada pessoa. Aliás, começando por ele mesmo, como se deduz da sua *Introdução a Brasil, um país do futuro*:

Quando, em 1936, estava prestes a participar do congresso do Pen Club em Buenos Aires, na Argentina, recebi um convite para visitar também o Brasil, eu tinha a mesma imagem algo pretensiosa que têm o europeu e o norte-americano medianos, e eu me esforço em reconstruí-la: uma daquelas repúblicas sul-americanas que não distinguimos bem umas das outras, com clima quente e insalubre, situação política instável e finanças em desordem, mal administrada e onde as cidades litorâneas são relativamente civilizadas, porém geograficamente belo e com muitas possibilidades mal aproveitadas – um país, portanto, para emigrados desesperados, mas de modo algum um lugar do qual se possam esperar estímulos intelectuais. [Zweig: 2006, 13]

Como se não bastasse, continua confessando Zweig sem qualquer hesitação, seu esnobismo, ou melhor, sua «disposição tola» como ele mesmo a define, o levava a pensar, em 1936, que

[...] ficar uns dias me parecia o suficiente para alguém que não era nem geógrafo profissional nem colecionador de borboletas, caçador, desportista ou comerciante. Oito dias, dez dias, e depois voltar rapidamente, assim pensei, e não me envergonho em registrar essa minha disposição tola. Acho até importante, pois,

essa imagem é aproximadamente a que vigora hoje em nossos círculos europeus e norte-americanos. [*Idem, Ibidem*]

Segundo uma perspectiva decolonial é particularmente significativo também quanto Zweig afirma logo após:

Em termos culturais, o Brasil é, até hoje, a mesma terra incógnita que, no sentido geográfico, foi para os primeiros navegantes. Volta e meia me surpreendo com os conceitos confusos e insuficientes que mesmo pessoas eruditas e politicamente interessadas têm acerca desse país o qual, no entanto, indubitavelmente está fadado a ser dos fatores mais importantes do desenvolvimento futuro do nosso mundo. [*Idem, 13-14*]

Dessas palavras depreende-se com clareza a equação posta por Zweig: como os trágicos eventos estavam demonstrando, premissa indispensável para se pensar na humanidade tendo um futuro seria a que hoje podemos chamar de uma de-colonização mental. Começando pelas camadas sociais «medianas» que tão facilmente as máquinas das opostas propagandas, durante as ditaduras, conseguiam manipular.

Ora, vale lembrar que entre os vários intelectuais brasileiros que, na altura, não compreenderam a «ode» que Stefan Zweig dedicava ao Brasil havia uns que se proclamavam de esquerda. E entre eles o próprio Jorge Amado, que na altura declarava: «Não li *Brasil, um país do futuro* e, igual a muita gente, condenei o livro no escuro, puro sectarismo. Achávamos, os escritores de esquerda, que o livro fora encomendado pelo DIP.» [Dines: 2012, 475]

Mas vale também lembrar que, depois do suicídio, as coisas mudaram, e «Amado faz a sua autocrítica», como recorda Dines citando as palavras do próprio escritor baiano:

Estava exilado no Uruguai quando Zweig suicidou-se. Escrevi um artigo condenando o suicídio, achando que Zweig perdera a perspectiva diante do nazismo e que a cultura burguesa, que representava, chegara ao fim, não havendo lugar no novo mundo para escritores como ele – esse o conteúdo do artigo. Sectário, claro. Todo o drama humano do escritor e de sua mulher escapou à minha visão, limitada pelas contingências da época. [*Idem, 630*]

A «autocrítica» de Amado nos leva a uma pergunta: quantos outros intelectuais, na altura, fizeram «autocrítica»? E será que, entre os que não a fizeram, havia quem não queria reconhecer o dado óbvio que ressalta de *Brasil, um país do futuro*? De fato, aceitar os louvores a um povo que era o resultado, inegavelmente, de miscigenações raciais (bem maiores, por exemplo, daquelas, na altura, dos Estados Unidos da América) comportaria aceitar também uma clara implicação: a de ser a verdadeira natureza de *Brasil, um país do futuro* um manifesto contra o racismo. Um manifesto que importaria uma reflexão – naturalmente em termos políticos – sobre uma obra que não se queria política,

mas que, justamente por isso, muito tinha a dizer já na altura, e não somente a nível nacional. Como confirmaram seus sucessos de venda.

Nos perguntamos como o *Lector de Brasil, um país do futuro* poderá ter percebido, do ponto de vista da autoestima, pessoal e nacional, uma tese que o vê coprotagonista de uma *fabula* tão especial, por uma vez confirmando – e por parte de um europeu! – a justeza (ao contrário daquilo que disse Paulo Prado) da sua maneira, simplesmente, de existir.

Em que pese a feroz reação, na altura, de certa crítica brasileira nas ambiguidades do *Estado Novo, Brasil, um país do futuro* deixou um importante marco, também do ponto de vista linguístico como vimos, e nem somente no Brasil. De fato, o impacto da «proeza» de Zweig ressalta ainda mais se observada em nível internacional, também segundo os critérios aplicados para reconhecer, atualmente, um *best seller*:

É o mais famoso de todos os textos que se escreveram sobre o Brasil. De 1500 até 1941 (quando saiu a primeira edição) e mesmo agora, 65 anos depois, nenhuma obra foi tão traduzida, tão reeditada e tão citada quanto esta ode de Stefan Zweig ao país que o abrigou durante a Segunda Guerra Mundial. [Dines: 2013, 7]

Portanto, quanto à contribuição deste emblemático sintagma *Brasil, um país do futuro*, à de-colonização de uma imagem não mais aceitável, nem só na Europa, de uma realidade como o Brasil, vale lembrar um outro dado, que responde a umas das perguntas que colocamos:

Nenhum título foi tão celebrado quanto este *Brasil, um país do futuro*. Transformou-se em cognome, sobrenome, estigma e vaticínio. País-promessa, terra do nunca, nação do amanhã – a expressão pode ser entendida em todos os sentidos. [*Idem, Ibidem*].

Mesmo que tenha optado por não esperar o fim da guerra, os acontecimentos demonstrariam, com seus milhões de mortos e suas muitas ‘soluções finais’ sistematicamente atuadas não somente contra os judeus, como, de ambas as orlas do Atlântico, Stefan Zweig já percebia, com antecedência, que se tornava um imperativo categórico, e não mais adiável, encontrar outros rumos para a humanidade: para serem construídas outras sociedades, em vantagem não somente das que ainda eram colônias. [Zweig 2009] Dado esse que, hoje em dia, ressalta ainda mais ao celebrarmos os setenta anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (10 de dezembro de 1948).

Mas deste mesmo ângulo visual ressalta também toda a força da equação que fora enunciada, no Brasil, por um rapaz de dezoito anos, com seu *O País do Carnaval*. Primeiro ato, ponto de partida programático de uma longa trajetória literária em que irão aparecer muitos elementos de uma linha que comprova a existência de um *continuum* – mas no sentido positivo – entre *Brasil, um país do futuro* e a obra amadiana. E nem somente aquela que o escritor baiano iria escrever depois de superados seus *sectarismos*.

Muito resta a pesquisar para entendermos o impacto produzido, além e aquém do Atlântico, em nível mental na dialética *destruens versus construens*, pelas duas obras que consideramos. Qual terá sido, por exemplo, o impacto naquele contexto italiano tão culturalmente sensibilizado para devidamente entender, de um lado, um sintagma depreciativo como *O País do Carnaval*, e, do outro, um sintagma tão positivo como *Brasil, um país do futuro*, posta toda a história de migrações italianas para o Brasil, também logo após a Segunda Guerra Mundial?

Somente um estudo em nível internacional e com um mapeamento sistematizado irá permitir responder às muitas perguntas que colocamos. Começando pela questão de quais as heranças deixadas por obras cujos autores despertaram reações tão violentas também por parte de censuras inquisitoriais, aquém e além do Atlântico.

Para já, porém, não há dúvida de que ambas as obras constituem peças indispensáveis para construirmos uma gramática brasileira do pensamento decolonial, livre, como chegou a reconhecer Jorge Amado, de desumanos sectarismos.

Referências

AMADO, Jorge. *O País do Carnaval*. Alfragide: D. Quixote, 2016.

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

AMADO, Jorge. *Il Paese del Carnevale*. Con una nota di Luciana Stegagno Picchio. Milano: Garzanti, 2002.

BAGNO, Sandra. “O País do Carnaval: a alcunha recusada por Jorge Amado”. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. Fase IX Abril-Maio-Junho 2018, Ano 1, n. 95, p. 105-118. Disponível em: http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista_brasileira_095_internet_0.pdf. Acesso em: 22/08/2018

BAGNO, Sandra. “De *O País do Carnaval* para *Il Paese del Carnevale* e *Le Pays du Carnaval*: os paratextos das traduções italiana e francesa”. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, Vol. 37, n. 2, 2017, p. 17-39 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p17>. Acesso em: 13/08/2018

BAGNO, Sandra. “Revolução de 30 e carnaval. La carnavalização *ante litteram* di Jorge Amado”. *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*. Pisa-Roma: Fabrizio Serra Editore, 2014, p. 17-26.

BERTAZZOLI, Raffaella. *La traduzione: teorie e metodi*. Roma: Carocci, 2015.

CALABRESE, Stefano. *Anatomia del best seller. Come sono fatti i romanzi di successo*. Roma-Bari: Laterza, 2015.

DA CUNHA, Euclides. *Os sertões. Obra completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. Vol. 2. Organização Paulo Roberto Pereira.

DE MAURO, Tullio. *Grande dizionario italiano dell'uso*. Torino: UTET, 1999. Vol. I A-CG e Vol. III FM-MAN.

DINES, Alberto. *Morte no Paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

DINES, Alberto. "Prefácio". ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013, p. 7-9.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. Milano: Bompiani, 1979.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. Organização Carlos Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PANZINI, Alfredo. *Dizionario moderno delle parole che non si trovano nei dizionari comuni*. Milano: Hoepli, 1950.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1990.

Treccani.it Vocabolario on line. Disponível em: www.treccani.it/vocabolario/. Acesso em: 10/08/2018

ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Prefácio de Alberto Dines. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

ZWEIG, Stefan. *Sull'orlo dell'abisso*. A cura di M. Mantovani. Locarno: Armando Dadò Editore, 2009.

Sandra Bagno

Sandra.Bagno@gmail.com

Recebido em: 20 out. 2018

Aceito em: 3 dez. 2018

Publicado em: 29 dez. 2018